

FHC promete lutar por reformas

Em discurso na CNI sobre os três anos do Real, Presidente afirma que não há mais recurso para avançar

O presidente Fernando Henrique Cardoso atendeu ao pedido da plenária e apontou as reformas constitucionais como objetivo central de seu Governo ao falar ontem para cerca de 400 empresários na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em Brasília. O presidente prometeu se empenhar para que o Congresso aprove as reformas ainda este ano, como defendem os empresários em campanha lançada ontem, aproveitando o terceiro aniversário do Plano Real. "Muito do que era possível fazer o Governo fez, mas agora, efetivamente, ou se fazem as reformas ou não se tem mais recurso para avançar", disse Fernando Henrique.

O presidente disse que não se preocupava com a possibilidade de seu pronunciamento ser interpretado como um discurso de campanha eleitoral. "Podem dizer que é campanha, tomara que seja uma campanha pelo Brasil", afirmou. Segundo ele, sua eventual candidatura a um segundo mandato "é um detalhe". Mais tarde, ao participar de uma outra solenidade, no Palácio do Planalto, Fernando Henrique chegou a dizer a jornalistas que lançará sua candidatura à reeleição "quando chegar a hora". E emendou rapidamente: "Se for o caso". Nós estamos tão longe da campanha", acrescentou o presidente. "Isso não tem sentido agora".

Subteto - Na CNI, Fernando Henrique ressaltou pontos das reformas tributária e da previdência e prometeu lutar pela reinclusão do chamado subteto salarial no projeto de reforma administrativa. O subteto permite que governadores e prefeitos estabeleçam, para seus funcionários, limite salarial inferior ao teto definido no plano federal. Os presidentes do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e da Câmara dos Deputados, Michel Temer (PMDB-SP), também estavam na reunião, além de vários ministros. Os empresários saíram da CNI prometendo fazer um "corpo-a-corpo" para pressionar os parlamentares a apressar a votação das reformas.

Adiamento preocupa empresários

A maior preocupação dos empresários é a possibilidade de que a votação das reformas seja adiada para depois das eleições do próximo ano. "Chega de moleza, é hora de trabalho", proclamou o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Carlos Eduardo Moreira Ferreira, no final da solenidade na CNI.

"O adiamento da votação representa um atentado fatal contra o potencial de crescimento da economia brasileira", disse o presidente da CNI, senador Fernando Bezerra (PMDB-RN), no discurso de saudação a Fernando Henrique. Bezerra se refere a um estudo encenado pela Fiesp à Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da USP. Segundo o trabalho, a economia poderá crescer ao ritmo de 7% ao ano, em vez dos atuais 3,5%, se as reformas forem aprovadas. O presidente da Fiesp largou uma advertência: "Os que falam em reformas para 1999 não serão reeleitos em 1998", disse.

Para os empresários, a reforma tributária é a mais importante e a mais urgente

te pelo que representaria de redução dos custos de produção. "Precisamos da reforma já, para poder competir em igualdade de condições com empresas de outros países", explicou o empresário Jorge Gerdau Johantjeper, coordenador do movimento Ação Empresarial, que canaliza a ação política das entidades de classe do setor. Segundo ele, em nenhum país do mundo os impostos incidem em cascata sobre as diversas fases da produção, como no Brasil.

Fernando Henrique procurou tranquilizar governadores e prefeitos dizendo que a reforma tributária não deve tirar recursos de nenhuma instância de governo. E também buscou conter o ímpeto dos empresários, ao salientar que as reformas precisam do voto de três quintos dos congressistas. "O Brasil tem a mesma pressa que tem o presidente", disse ele, usando o slogan da campanha empresarial. "Mas o caminho tem que ser construído com a compreensão da sociedade." E acrescentou: "As reformas não podem ser impostas por um führer."